

Considerações sobre etnopsiquiatria: incitações pertinentes no envelhecimento e saúde mental

Considerations on ethnopsychiatry: pertinent incitements in aging and mental health

**Dante Ogassavara¹, Thais da Silva-Ferreira², Daniel Bartholomeu³,
Jeniffer Ferreira-Costa⁴ e José Maria Montiel⁵**

Resumo: O contexto sociocultural influencia na organização geral de uma sociedade e também no âmbito individual, estrutura a formação do sujeito e o funcionamento psicológico. Este artigo objetivou versar sobre as reflexões teóricas e contribuições da etnopsiquiatria para o cuidado em saúde mental no grupo identitário das pessoas idosas. Para tal, foi realizada uma revisão narrativa da literatura sobre a etnopsiquiatria no tocante a grupos identitários de pessoas idosas. A etnopsiquiatria é um campo do saber que fomenta intervenções que abrangem não apenas o contexto fisiológico e biológico dos sintomas e do cuidado em saúde mental, mas também, o contexto cultural e simbólico em que o sujeito está inserido. A respeito do cuidado articulado com os estruturantes subjetivos, a etnopsiquiatria apresenta contribuições no entendimento de grupos identitários. Foi possível concluir que a etnopsiquiatria é uma área do conhecimento pluridisciplinar e complementar aos trabalhos em saúde mental, contribuindo para o entendimento do indivíduo de maneira integral, é um saber facilitador no entendimento do adoecimento psíquico e na busca da promoção da saúde.

Palavras-chave: Etnopsiquiatria; Envelhecimento; Saúde Mental.

Abstract: The sociocultural influence in the general organization of a society and also the formation in the scope of the individual subject, structuring the organization and the psychological functioning. This article aimed to discuss the theories and contributions of ethnopsychiatry to mental health care in the identity group of the elderly. To this end, a review of the literature on ethnopsychiatry regarding identity groups of elderly people was carried out. The only field of knowledge that promotes the intervention also encompasses not the physiological and biological context of symptoms and mental health care, but the cultural and symbolic context in which it is. Regarding care articulated with the subjective structuring, the ethnopsychiatry presentation contributes to the understanding of identity groups. It was possible to know that the promotion of health complementary to ethnopsi is an area of multidisciplinary knowledge possible and possible to the knowledge of mental health knowledge, disseminator of the promotion of integral health is a knowledge and in the search for knowledge of the promotion of integral health.

Keywords: Ethnopsychiatry; Aging; Mental Health.

¹ Mestrando em Ciências do Envelhecimento pela Universidade São Judas Tadeu, São Paulo/SP, Brasil. E-mail: ogassavara.d@gmail.com

² Graduada em Psicologia pela Universidade São Judas Tadeu, São Paulo/SP, Brasil. E-mail: thais.sil.fe@hotmail.com

³ Doutor em Psicologia, docente na UniAnchieta - Departamento de Psicologia - Jundiaí/SP, Brasil. E-mail: d_bartholomeu@yahoo.com.br

⁴ Graduada em Psicologia pela Universidade São Judas Tadeu, São Paulo/SP, Brasil. E-mail: cjf.jeniffer@gmail.com

⁵ Doutor em Psicologia, docente na Universidade São Judas Tadeu, São Paulo/SP, Brasil. E-mail: montieljm@hotmail.com

Introdução

Os estudos das relações entre a saúde, transtornos mentais e tratamentos que consideram as questões culturais se situam no campo da Etnopsiquiatria. Sendo assim, é um campo de estudo que se refere à relação entre a sintomatologia de quadros médicos em face da cultura em que o indivíduo está inserido, partindo do princípio que a cultura é um elemento central na vida humana (Martins-Borges et al., 2019). Por meio dos precursores Geza Róheim e Georges Devereux, a Etnopsiquiatria emerge como uma forma de compreender o sofrimento de ser e estar do outro a partir do mesmo. Mesmo diante de um quadro sintomatológico classificado pela psiquiatria e de igual importância, a Etnopsiquiatria une as práticas terapêuticas relacionadas à saúde mental com as práticas socioculturais (Cavalcante, 2012; Martins-Borges et al., 2019), tornando possível a observação individual e coletiva em possibilidades epistemológicas que permitem considerar as diferentes trajetórias subjetivas de cada membro social e seus desdobramentos quanto a sua constante transformação (Taliani, 2019). Sendo esta, uma área do conhecimento que vai além da interdisciplinaridade, concebida como uma ciência pluridisciplinar (Devereux, 1981).

A cultura exerce influência sobre o contexto social e a vivência dos indivíduos que assimilaram determinado conjunto de valores de maneira ampla, transcendendo a esfera pessoal dos sujeitos ao atribuir significados para determinados elementos e prever tendências para o grupo considerado. Pode ser definida como uma experiência universal e única, assim como a vida de seus integrantes, sendo categorizada em diferentes níveis do desenvolvimento e organiza parte do contexto social em que se insere. As culturas exercem um papel estruturante na formação dos indivíduos de forma retroativa, ditando parte do funcionamento psicológico e, posteriormente, sendo mantidas pelos próprios sujeitos por meio do contato interpessoal em forma de afetos e outras produções (Martins-Borges et al., 2019).

A imigração é um dos contextos onde o sujeito é transpassado por experiências culturais estrangeiras, sendo ele mesmo o estranho, o “novo”. É levado em consideração que há diferentes experiências e contextos de imigração e migração, porém, sabe-se que os conteúdos culturais e sociais envolvidos nessa mudança são geradores de estresse e podem contribuir para o aparecimento do sofrimento psíquico (Lechner, 2005). A transmissão de culturas foi retratada pelo estudo etnográfico de Rates e Lopes (2013), que investigou a relação entre a imigração e os significados de envelhecer a partir da experiência de idosos judeus que imigraram para o Brasil. Meio aos relatos sobre a posição que ocupavam no momento das entrevistas, os participantes expuseram a valorização da figura da pessoa idosa como sábio e guardião da tradição judaica, sendo a educação formal e os centros comunitários importantes para a manutenção da cultura judaica.

O contato do sujeito com a comunidade na qual está inserido, por meio do engajamento com os pares a sua volta, gera benefícios para a saúde e promove a atribuição de significados para a própria vida. A participação social ao longo do envelhecer, em atividades sociais, cívicas e culturais, exerce uma função protetiva contra a visão negativa sobre si mesmo, amenizando as perdas naturais que se tem com o viver e assim, contribuindo para a autoconsciência positiva (Rates & Lopes, 2013). Cita-se que a fundamentação da importância dos papéis sociais remete à possíveis perdas na participação ativa do sujeito idoso em decorrência da aposentadoria e outros acontecimentos, acarretando possíveis mudanças na rotina, no status financeiro e social (Hoffmann & Zille, 2017). Para Debert (1999), tais mudanças podem contribuir para a visão negativa na velhice quando não há a presença de redes de apoio.

O contexto de imigração e/ou migração coloca o sujeito em contato com novas compreensões culturais. Lechner (2005) reflete que, nos locais onde há histórico de fluxos migratórios, as conceituações sobre etnopsiquiatria são institucionalizadas nas práticas terapêuticas. Na busca do cuidado, os estrangeiros e cuidadores se deparam com barreiras culturais e desafios quanto às diferenças de seus mundos simbólicos. Um estudo norte-americano realizado com a população idosa chinesa no território de Chicago (Li, Dong & Kong, 2021), buscou compreender as relações entre sintomas depressivos e os aspectos quantitativos e qualitativos da composição das redes de apoio dos participantes. A análise estatística dos dados evidenciou uma correlação negativa entre a presença de sintomatologia depressiva e o contato com a rede de apoio, ou seja, quanto mais contato com a rede de apoio menos sintomas depressivos encontrados. Ainda em relação a mesma pesquisa, os autores observaram indícios de que os aspectos qualitativos das redes de apoio são mais relevantes do que os quantitativos, sugerindo que a qualidade dos vínculos com os integrantes da rede contribui mais do que a quantidade para o fator protetivo que é proporcionado.

Ao considerar a complexidade envolvida nos processos de adoecimento e bem-estar, e em específico as considerações sobre saúde mental, nota-se que balizar o sujeito do contexto sociocultural em que está inserido é também não abranger as possibilidades de preservação e restauração da saúde. Objetiva-se refletir sobre o campo de saber da etnopsiquiatria como um saber pluridisciplinar que contribui para as diligências do cuidado em saúde mental e em específico no que tange a população idosa.

Método

O presente estudo seguiu-se como uma revisão narrativa, ou seja, de caráter exploratório e bibliográfico a partir da captação de materiais disponíveis, tais como artigos publicados em periódicos científicos distintos. A adoção do método qualitativo torna possível a ampliação da compreensão do fenômeno abordado (Gil, 2002; Rother, 2007). Desta maneira, será possível investigar e fomentar reflexões e contribuições do saber da etnopsiquiatria aplicado ao grupo identitário das pessoas idosas.

Resultados e discussão

Família e rede de apoio social

Como já exposto, o contexto social é estruturado pela cultura do grupo e a maneira como as redes de apoio se configuram está implicada nisso. Garbarino (1983) descreve as redes de suporte social com apoios formais que podem ser exemplificadas por governos, e redes de apoio informais que se formam organicamente e podem ser resumidas por figuras da comunidade que prestam auxílio. Em ambos tipos de redes, são realizadas trocas que provêm informações, segurança emocional e apoio físico, estando interconectadas com padrões duradouros.

A família é considerada como a principal fonte de cuidado dos indivíduos, prestando diversas formas de auxílio ao longo da vida consistentemente, destacando sua maior presença nos momentos mais iniciais e tardios da vida (Brito et al., 2018; Sant'Ana & D'Elboux, 2019). Os papéis assumidos na vida familiar variam pelo contexto sociocultural em que o grupo familiar está inserido, de forma que as necessidades do grupo sejam supridas (Maia

et al., 2016; Faller, Teston & Marcon, 2018) e o suporte familiar ofertado a pessoa idosa favorece positivamente sua qualidade de vida, embora apresente desafios distintos quando, por exemplo, o mesmo apresenta algum grau de dependência devido a algum comprometimento cognitivo (Costa, Castro & Acioli, 2013; Araújo & Bós, 2017).

Ao considerar a condição de muitas famílias brasileiras, é muito comum se deparar com casos em que avós e avós lideram as famílias, também se responsabilizando pelo sustento financeiro dos seus descendentes (Cruz, Araújo & Paixão, 2018). O contato intergeracional de avós com seus netos se resume muitas vezes a práticas de cuidado que, apesar de exigirem que sejam despendidos esforços na sua realização, são vistas de forma positiva como uma oportunidade de se ter trocas de afetos positivos mutuamente (Cardoso & Brito, 2014). Observa-se que pessoas idosas das quais moram em residências de caráter uni- ou bi-geracionais tendem a apresentar maiores níveis de satisfação com suas vidas, quando comparado com outros casos da mesma faixa-etária (Oliveira et al., 2020).

O estabelecimento de redes de apoio é essencial para a manutenção da qualidade de vida dos indivíduos e que se preserve o bem-estar do grupo familiar por meio da integração com a comunidade (Brandão & Craveirinha, 2011). O apoio prestado pela comunidade se mantém relevante no decorrer da vida, sendo uma rede de apoio informal que favorece as condições físicas e psicológicas de seus membros, possibilitando um maior grau de autonomia e participação social que também refletem no aumento de afetos positivos (Ferreira, 2017; Okuno et al., 2019).

O significado do ato de cuidar e a utilidade atribuída a cada fonte de suporte social são direcionadas pelo conjunto de representação contidos em determinada cultura. Como discutido na obra de Araújo e Bós (2017), viver em instituições de longa permanência para idosos, sendo uma rede de apoio formal, é visto de forma negativa pela amostra brasileira estudada, entretanto, a partir da coleta de dados pôde-se observar que a qualidade de vida dos participantes institucionalizados não estava comprometida; e complementarmente, pelos participantes que estavam esperando por uma vaga para serem institucionalizados apresentaram uma pior qualidade de vida, pode-se inferir que o cuidado institucional seria benéfico.

Ainda, para elucidar a vastidão de possibilidades de enfrentamento relacionadas ao ato de cuidar, é válido mencionar a pesquisa de Brandão e Craveirinha (2011). Ela foi realizada com mães de crianças com atraso no desenvolvimento dentro da realidade portuguesa e teve o objetivo de relacionar as fontes de suporte, a utilidade atribuída a cada uma e a disponibilidade das mesmas. Foi evidenciado que as redes de apoio informais das mães no contexto português não eram compostas em sua maior parte por familiares e que se tinha maior disponibilidade das redes de apoio formal, sendo que as participantes identificaram que recorriam mais frequentemente às creches por auxílio. As autoras complementam a discussão de seus resultados pontuando que na cultura portuguesa não se utiliza das redes de apoio informais com tanta frequência.

Além da rede de apoio familiar, é válido mencionar que outras relações sociais que a pessoa idosa construa também reflete de maneira positiva em seu cotidiano. Ao longo do avançar da idade se tem a tendência de que algumas mudanças ocorram naturalmente, que consequentemente afetam a pessoa idosa, como a diminuição da sua convivência social com outras pessoas que não estabeleçam algum grau de parentesco (Pimentel et al., 2019). Entretanto, há estudos que demonstram que estas relações quando existentes proporcionam consequências positivas para pessoas idosas.

O estudo de Bidigaray (2021) realizado com idosas aposentadas que frequentam um curso de artesanato em uma associação exemplifica essa associação. A autora objetivou investigar os impactos entre as vivências das idosas neste local e o envelhecimento, os resultados demonstraram que de fato há uma relação entre o comportamento das idosas e suas experiências na associação. As idosas mantinham um comportamento ativo tanto dentro da instituição, com participação no curso e no envolvimento em outras responsabilidades, quanto em outras atividades do cotidiano externas à associação. Além disso, elas apresentaram uma concepção positiva do processo de envelhecer que, como apresentado no estudo, promove melhorias na qualidade de vida e bem-estar das idosas.

Envelhecimento, enfrentamento dos comprometimentos da saúde mental e a etnopsiquiatria

O envelhecimento é inerente a todas as pessoas e uma das características do desenvolvimento humano, sendo estes compreendidos como um processo transacional e de caráter dinâmico, além de ser influenciado por aspectos ontogenéticos, biológicos e psicossociais. Nessas dimensões citadas, observam-se mudanças na plasticidade comportamental, na recuperação diante das adversidades devido ao envelhecimento e alterações das capacidades cognitivas, embora estas estejam condicionadas ao histórico de vida do indivíduo, além de transformações nas relações interpessoais, que se transformam e modificam as vivências na velhice (Rocha, 2018; Tomé & Formiga, 2020).

A vida de cada indivíduo é singular, considerando que determinada narrativa nunca poderá ser repetida no exato mesmo contexto sociocultural e mesmo momento histórico. O processo de envelhecer é vivenciado de diferentes formas e observam-se múltiplos padrões, para fins de exemplificação, o papel da pessoa idosa pode apresentar conotações de cunho pejorativas ou como um ser que detém uma vasta sabedoria. Mediante a esta abrangência, deve ser compreendido por meio da integralidade e é necessário que se atente aos significados atribuídos aos elementos presentes no decorrer do processo para que seja possível compreender a relação entre os indivíduos e o ser cuidado (Castro et al., 2020).

Determinados comportamentos observados em outros estágios da vida, na velhice eles podem ser alterados de acordo com os valores culturais vigentes dado um momento histórico e podem surgir reações distintas, o que não significa que tendem a se configurar como um quadro patológico, mas como maneira de resistência e de manutenção de traços subjetivos (Rocha, Oliveira & Mota, 2017). Vale apontar que é com o passar dos anos e com o aproximar da velhice, que o indivíduo de fato percebe o seu envelhecimento, e que a velhice deve ser compreendida como uma continuidade sempre inacabada, devido ao constante desenvolvimento de subjetividades (Bidigaray, 2021).

Os sentidos, valores e crenças relacionados ao processo de envelhecer sofrem influência das construções culturais, estas evidenciadas nas representações sociais (Ferreira, 2017). Chama-se atenção ao fato que as representações sociais são originadas no senso comum e podem ser entendidas como uma forma de compreensão compartilhada, identitária e com fins práticos de objetos sociais distintos, como a concepção do envelhecer, da velhice e do cuidar (Torres et al., 2015; Maldonado et al., 2017; Castro et al., 2020). Por isso, torna-se necessário desconstruir algumas ideias de longa data acerca da pessoa idosa para que seja possível se pensar em outras mais adequadas para o presente (Jardim, Medeiros & Brito, 2006; Brandão et al., 2016).

Faller et al. (2018), retratam em seu estudo a concepção de velhice por diferentes culturas por meio de entrevistas com idosos naturais de cinco países diferentes. Os dados coletados registraram que há uma variação quanto à expectativa sobre quem é responsável pela prestação de cuidados, ou seja, pôde-se observar que indivíduos formados em diferentes culturas podem possuir expectativas variadas a respeito de quem será encarregado da função de cuidador. Sendo mais específico, observou-se que brasileiros contam com o grupo familiar para que preste cuidado aos seus membros na velhice, o que foi similar aos participantes chineses e paraguaios, mas foi divergente do posicionamento dos participantes franceses, que entendiam o cuidado na velhice como um fardo para a família e aceitavam bem a ideia de serem cuidados por instituições formais.

O autor Cavalcante (2012), expõe por meio de relatos a influência dos contextos sociais e culturais no tratamento de transtornos mentais. Segundo ele, a etnopsiquiatria refere-se a uma cura pela cultura, em diferentes contextos há diferentes linguagens culturais utilizadas como ferramentas na manipulação de variáveis relacionadas com o aparecimento de sintomas e também, com a diminuição e desaparecimento dos mesmos. Cavalcante (2012), em seu estudo de caso, conta que uma senhora chamada D. Maria, de um lugarejo no Nordeste, chega até seu consultório de psiquiatria após uma tentativa de suicídio. No decorrer da investigação, explicita uma ligação religiosa com um terreno. Todos conheciam a importância de tal terreno no lugarejo, o chamavam de “terras da santa”, do qual seus cuidados foram incumbidos a D. Maria. Tal terra tinha sido invadida sem autorização, a invasora foi considerada pelo grupo uma mulher perigosa que, em um período de ausência do lugarejo, teria ido encomendar trabalho do candomblé contra D. Maria. No mês seguinte, D. Maria começou a apresentar sintomas depressivos sob a ótica psiquiátrica, até culminar na tentativa de suicídio. O autor demonstra que, nesta situação, os sintomas possuem ordem de natureza cultural além de apenas neurofisiológica. A intervenção proposta seguiu um desenlace não convencional que abrangia a natureza cultural do aparecimento sintomático. Cavalcante (2012), analisa que a utilização de ferramentas culturais pode ser definida para além da psicoterapia, designada simplesmente como etnopsiquiatria, etnoterapia ou socioterapia.

No caso citado por Cavalcante (2012), a ordem de desequilíbrio causado pela invasão do terreno fugiu da ordem estabelecida. O estrangeiro, a ideia de quebra da normalidade, a fuga da Cultura é interiorizada comumente com desconforto e percebida como hostilidade aos sujeitos conterrâneos (Martins-Borges et al., 2019). Considera-se que os significados sociais e culturais transitam uma ordem de função estruturante para o sujeito na sua vida psicológica (Fontanella, Campos & Turato, 2006), ou seja, determinadas disfunções de ordem mental só podem ser compreendidas ao todo quando são considerados os aspectos socioculturais envolvidos no contexto do sujeito (Gonçalves et al., 2006; Souza & Santinho, 2019). Já que os sintomas apresentados pelo indivíduo representam os conflitos intrapsíquicos originados na sociedade e moldados pela cultura (Laplantine, 1994).

Um fenômeno recente que é de grande valia ser observado pela perspectiva da Etnopsiquiatria é o aumento do número de casos de síndrome de Tourette e de comportamentos similares à tiques e a mudança de perfil dos pacientes que foi registrada em Londres, na Inglaterra. Durante o período de pandemia, a mudança de perfil dos pacientes com síndrome Tourette e comportamentos similares à tiques consistiu em um aumento da incidência em mulheres e passar a se apresentar em um momento mais tardio da vida, durante a adolescência (Pringsheim et al., 2021).

A pesquisa de Heyman, Liang e Hadderly (2021), teve caráter exploratório ao observar o caso de uma menina de 14 anos que se encaixa no novo perfil percebido de pacientes com síndrome de Tourette. Tendo abordado diferentes setores da vida da jovem, os autores levantaram a possibilidade de que o período de pandemia de COVID-19 tenha proporcionado estressores capazes de ativar pré-disposições a ter comportamentos similares aos tiques ou a síndrome de Tourette em si. Um fato curioso do caso estudado foi que por meio de redes sociais a menina acompanhava influenciadores digitais que possuem a síndrome de Tourette, o que deu abertura para se discutir a possibilidade da menina ter se sujeitoado a mecanismos de identificação com pares e consequentemente ter desenvolvido uma forma mal adaptada de se obter ganhos, ou seja, ter se exposto a conteúdos que retratam a condição médica e passar a assimilar os comportamentos por gerarem algum tipo de benefício, mesmo que seja acompanhado de prejuízos.

As redes sociais têm potencial de fazerem parte da rede de apoio informal dos indivíduos, uma vez que elas podem ser utilizadas como uma forma de promover a aceitação entre indivíduos, contudo a relação entre a exposição a tais conteúdos midiáticos e a aparição de sintomas é uma questão para ser verificada em estudos futuros, visando uma compreensão do funcionamento social e cognitivo do fenômeno (Pringsheim et al., 2021).

Com o intuito de se aprofundar no fenômeno recente dos comportamentos similares a tiques, Olvera et al. (2021) realizaram uma pesquisa documental na rede social TikTok, identificando os principais produtores de conteúdo relacionados à síndrome de Tourette e a sintomatologia apresentada por eles em vídeos. A partir da análise do material encontrado, pôde-se observar que os tiques presentes no TikTok possuem características mais disfuncionais do que os considerados típicos ao apresentarem muitos mais movimentos que impedem a realização de atividades e ao explorar as produções destes indivíduos eram observados relatos sobre eles terem adquirido novos tiques que por vezes eram originários de outro usuário da rede social. Neste contexto, os autores indicam que o fenômeno tratado é um exemplo de contágio social ou de doença sociogênica em massa.

Considerações finais

Sabe-se que o ser humano é um agente complexo, todas as ciências, cita-se aqui as ciências humanas e da saúde, debruçam-se sobre tal complexidade e suas interações. A saúde e o adoecimento colocados em espaços sedimentados do todo, podem não abranger os significados e significantes envolvidos no processo de cura e adoecimento. As diferentes representações culturais são aspectos estruturantes apresentados como demandas pertinentes, principalmente, no mundo globalizado onde há um grande fluxo migratório e imigratório, como é o caso do Brasil.

Por meio da reflexão teórica sobre o cuidado em saúde mental no grupo identitário das pessoas idosas, a etnopsiquiatria apresentou importantes contribuições como uma matéria concernente a tais demandas. Sendo ela uma área do conhecimento ainda nova, sua abrangência dentro da educação superior voltada à saúde mental ainda é baixa, competindo com áreas do conhecimento convencionais. Este sendo um saber pluridisciplinar, os conhecimentos da etnopsiquiatria são um complemento importante para o cuidado integral dos sujeitos. O cuidado em saúde mental perpassa fontes estruturantes das percepções, subjetividade, comportamentos aprendidos e introjetados por meio da cultura, ou seja, por meio do entendimento das variáveis culturais e

do manejo instrumental dos processos ligados ao adoecimento e recuperação, é possível abranger o ser como integral dentro de seus espaços subjetivos.

Discute-se então, a estruturação identitária permeada por princípios da cultura e sociedade. Grupos identitários, especificou-se aqui as pessoas idosas, deparam-se com atribuições nem sempre positivas, galgadas pelo senso comum. Sendo a subjetividade influenciada por valores culturais em sua formação, o processo de envelhecimento em um mundo com cada vez mais informações e com diferenças geracionais cada vez menores, há o embate entre diversas questões sociais dentro dos próprios grupos étnicos. A formação do sujeito é um contínuo flexível e passível de novas aprendizagens até o final da vida, porém, tais embates podem ser considerados como choques geracionais e até mesmo culturais. A etnopsiquiatria se mostra então, como uma ferramenta de cuidado psicossocial que abarca a integralidade estrutural, aplicando-se no cuidado dos agentes que compartilham de uma mesma cultura e sociedade com especificidades grupais, como é o exemplo das pessoas idosas.

Pontua-se que no Brasil, a respeito da profissão da psicologia, o Código de Ética da Psicologia (Conselho Federal de Psicologia, 2005) precede em seus princípios fundamentais a responsabilidade social por meio da análise crítica e histórica dos sujeitos, perpassando as realidades políticas, econômicas, sociais e culturais. Os estudos de etnopsiquiatria então, contribuem para a compreensão e criticidade incentivada pelo Conselho Federal de Psicologia. Incentiva-se os estudos sobre os aspectos culturais dos sujeitos em sofrimento, buscando instrumentos facilitadores no entendimento do adoecimento psíquico e na busca de estratégias complementares como promotores de saúde mental.

Referências

- Araújo, A. M., & Bós, Â. J. G. (2017). Qualidade de vida de pessoa idosa conforme nível de institucionalização. *Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento*, 22(3), 137-152. doi <https://doi.org/10.22456/2316-2171.60224>
- Bidigaray, L. C. (2021). Percorso etnográfico: envelhecer ativamente em uma rede de solidariedade para idosas aposentadas em Pelotas/RS. *Perspectivas Sociais*, 7(01), 11-27. Recuperado de: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/percsoc/article/view/21919>
- Brandão, M. T., & Craveirinha, F. P. (2011). Redes de apoio social em famílias multiculturais, acompanhadas no âmbito da intervenção precoce: um estudo exploratório. *Análise Psicológica*, 29(1), 27-45. doi <https://doi.org/10.14417/ap.37>
- Brito, T. R. P. D., Nunes, D. P., Duarte, Y. A. D. O., & Lebrão, M. L. (2019). Redes sociais e funcionalidade em pessoas idosas: evidências do estudo Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento (SABE). *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 21, e180003. doi <https://doi.org/10.1590/1980-549720180003.supl.2>
- Cardoso, A. R., & Brito, L. M. T. de. (2014). Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? *Psico-USF*, 19(3), 433-441. doi <https://doi.org/10.1590/1413-82712014019003006>
- Castro, J. L. D. C., Passos, A. L. V., Araújo, L. F. D., & Santos, J. V. D. O. (2020). Análise psicossocial do envelhecimento entre idosos: as suas representações sociais. *Actualidades en Psicología*, 34(128), 1-15. doi <https://doi.org/10.15517/ap.v34i128.35246>
- Cavalcante, A. M. (2012). *Etnopsiquiatria, a cura pela cultura*. São Paulo: CIA dos Livros.
- Conselho Federal de Psicologia. (2005). *Resolução CFP nº 010/2005*. Código de Ética Profissional do Psicólogo, XIII Plenário. Brasília, DF: CFP
- Costa, S. R. D. D., Castro, E. A. B. D., & Acioli, S. (2013). Capacidade de autocuidado de adultos e idosos hospitalizados: implicações para o cuidado de enfermagem. *Revista Mineira de Enfermagem*, 17(1), 193-207. Recuperado de <http://reme.org.br/artigo/detalhes/589>
- Cruz, M. S., Araujo, J. A., & da Paixão, A. N. (2018). Family structure and its impacts on the restrictions of self-perception of elderly health levels in Brazil. *Ciência e Saúde Coletiva*, 23(8), 2751-2762. doi <https://doi.org/10.1590/1413-81232018238.18102016>
- Debert, G. G. (1999). *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP - Fapesp.
- Devereux, G. (1981). A Etnopsiquiatria. *Análise Psicológica*, 4(1), 521-525. Recuperado de <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/5619>
- Faller, J. W., Teston, E. F., & Marcon, S. S. (2018). Estrutura conceitual do envelhecimento em diferentes etnias. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 39, e66144. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2018.66144>
- Ferreira, M. C. (2017). Famílias e envelhecimento: um ensaio teórico com base na perspectiva histórica. *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica*, v. 28, n.1, p. 143-161. Recuperado de <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/13891>
- Fontanella, B. J. B., Campos, C. J. G., & Turato, E. R. (2006). Coleta de dados na pesquisa clínico-qualitativa: uso de entrevistas não-dirigidas de questões abertas por profissionais da saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14, 812-820. doi <https://doi.org/10.1590/S0104-11692006000500025>
- Garbarino, J. (1983). Social support networks: Rx for helping professionals. In J. K. Whittaker. *Social support networks: Informal helping in the human services* (pp. 3-28). New York: Aldine.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas
- Gonçalves, L. H. T., Alvarez, A. M., Sena, E. L. D. S., Santana, L. W. D. S., & Vicente, F. R. (2006). Perfil da família cuidadora de idoso doente/fragilizado do contexto sociocultural de Florianópolis, SC. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 15, 570-577. doi <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400004>
- Heyman, I., Liang, H., & Hedderly, T. (2021). COVID-19 related increase in childhood tics and tic-like attacks. *Archives of Disease in Childhood*, 106(5), 420-421. doi <https://doi.org/10.1136/archdischild-2021-321748>
- Hoffmann, C. D., & Zille, L. P. (2017) Centralidade do Trabalho, Aposentadoria e seus Desdobramentos Biopsicossociais. *Reuna*, 22(1), 83-102. Recuperado de: <https://revistas.una.br/reuna/article/view/878>
- Jardim, V. C. F. D. S., Medeiros, B. F. D., & Brito, A. M. D. (2019). Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. *Revista brasileira de geriatria e gerontologia*, 9, 25-34. doi <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2006.09023>
- Laplantine, F. (1994). *Aprender Etnopsiquiatria*. São Paulo: Braziliense.
- Lechner, E. (2005). Imigração e Saúde Mental: O sofrimento dos migrantes e o encontro de ordens simbólicas. *Psilogos*, 2(2), 15-18. doi <https://doi.org/10.25752/psi.6051>
- Li, M., Dong, X. Q., & Kong, D. (2021). Social Networks and Depressive Symptoms among Chinese Older Immigrants: Does Quantity, Quality, and Composition of Social Networks Matter? *Clinical Gerontologist*, 44(2), 1-11. Doi <https://doi.org/10.1080/07317115.2019.1642973>
- Maia, C. M. L., Vicente Castro, F., Fonseca, A. M. G. D., & Ruiz Fernández, M. I. (2016). Redes de apoio social e de suporte social e envelhecimento ativo. *International Journal of Developmental and Educational Psychology - Revista de Psicologia*, 1(1), 293-304. doi [10.17060/ijodaep.2016.n1.v1.279](https://doi.org/10.17060/ijodaep.2016.n1.v1.279)
- Maldonado, A., Vizeu, B., Giacomozzi, A., & Berri, B. (2017). Representações sociais do cuidado ao idoso e mapas de rede social. *Liberabit*, 23(1), 9-22. doi <https://doi.org/10.24265/liberabit.2017.v23n1.01>
- Martins-Borges, L., Lodetti, M. B., Jibrin, M., & Pocreau, J.-B. (2019). Inflexões epistemológicas: a Etnopsiquiatria. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31, 249. doi https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29001

-
- Okuno, M. F. P., Rosa, A. D. S., Lopes, M. C. B. T., Campanharo, C. R. V., Batista, R. E. A., & Belasco, A. G. S. (2019). Quality of life of hospitalized octogenarians. *Texto e Contexto Enfermagem*, 28. doi <https://doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2018-0207>
- Oliveira, M. C. G. M. D., Salmazo-Silva, H., Gomes, L., Moraes, C. F., & Alves, V. P. (2020). Longevos em domicílios multigeracionais: condições socio-demográficas, humor, funcionalidade, envolvimento social e satisfação com a vida. *Estudos de Psicologia*, 37. Recuperado de <https://pdfs.semanticscholar.org/f9ad/65988836cb4666040fd4725731cbe55839b4.pdf>
- Olvera, C., Stebbins, G. T., Goetz, C. G., & Kompoliti, K. (2021). TikTok Tics: A Pandemic Within a Pandemic. *Movement Disorders Clinical Practice*, 8(8), 1200-1205. doi <https://doi.org/10.1002/mdc3.13316>
- Pimentel, M. H., Fernandes, H., Afonso, C., & Bastos, M. A. M. D. S. C. (2019). Importância da rede social para o envelhecimento bem sucedido e a saúde do idoso. *Journal of aging and innovation*, 8, 68-84. Recuperado de <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/19342>
- Pringsheim, T., Ganos, C., McGuire, J. F., Hedderly, T., Woods, D., Gilbert, D. L., Piacentini, J., Dale, R. C., & Martino, D. (2021). Rapid Onset Functional Tic-Like Behaviors in Young Females During the COVID-19 Pandemic. *Movement Disorders*, 36(12), 2707-2713. doi <https://doi.org/10.1002/mds.28778>
- Rates, M. I., & Lopes, A. (2013). Envelhecimento, cultura e os judeus poloneses no Brasil. *Revista Kairós Gerontologia*, 16(5), 165-188. doi <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2013v16i3p165-188>
- Rocha, J. A. (2018). O envelhecimento humano e seus aspectos psicossociais. *Revista Farol*, 6(6), 78-89. doi <http://www.revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/113>
- Rocha, L. F. D., Oliveira, E. R., & da Mota, M. M. P. E. (2017). Relação entre apoio social e bem-estar subjetivo em idosos: revisão sistemática. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 30(4), 1-13. doi <https://doi.org/10.5020/18061230.2017.6472>
- Rother, E. T. (2007). Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), 5-6.
- Sant'Ana, L. A. J. de, & D'Elboux, M. J. (2019). Comparação da rede de suporte social e a expectativa para o cuidado entre idosos em diferentes arranjos domiciliares. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 22(3). doi <https://doi.org/10.1590/1981-22562019022.190012>
- Sousa, T. R., & Santinho, M. C. (2019). Antropologia da saúde, psiquiatria transcultural e etnopsiquiatria - considerações teóricas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 59, 79-90. Recuperado de: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/tae/article/view/9939>
- Taliani, S. (2019). A questão da cultura nos laboratórios da etnopsiquiatria. Os laços familiares dentro do furacão da história. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 26(3), 537-566. Recuperado de: <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/471>
- Tomé, A. M., & Formiga, N. S. (2020). Teorias e perspectivas sobre o envelhecimento: conceitos e reflexões. *Research, Society and Development*, 9(7). doi <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4589>
- Torres, T., Camargo, B., Bouldfield, A., & Silva, A. (2015). Representações sociais e crenças normativas sobre envelhecimento. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(12) 3621-3630. doi <https://doi.org/10.1590/1413-81232>